



TRABALHAR COM MODA: CONDIÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO VALE DO RIO DOS SINOS

Working with Fashion: Conditions, Challenges, and Perspectives in the Vale do Rio dos Sinos

Ribeiro, Yasmin da Silva Santos; Graduanda em Moda; Universidade Feevale, yssribeiro@gmail.com¹
Noronha, Renata Fratton; Doutora em História; Universidade Feevale, renatanoronha@feevale.br²

Resumo: O artigo investiga as trajetórias profissionais na moda no Vale do Rio dos Sinos, focando na indústria de vestuário e calçados. A pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas, revela desafios como longas jornadas, precarização do trabalho e lacunas entre formação e mercado. Destaca-se a preocupação com a saúde mental dos profissionais e a predominância do setor calçadista na região. O estudo enriquece a compreensão das dinâmicas e características locais da moda.

Palavras-chave: Profissionais da moda; ensino de moda; Vale do Rio dos sinos.

Abstract: The article investigates professional trajectories in fashion in the Vale do Rio dos Sinos, focusing on the clothing and footwear industry. The qualitative research, based on interviews, reveals challenges such as long working hours, job precarity, and gaps between education and the job market. It highlights concerns about the mental health of professionals and the predominance of the footwear sector in the region. The study enhances the understanding of local dynamics and characteristics of fashion.

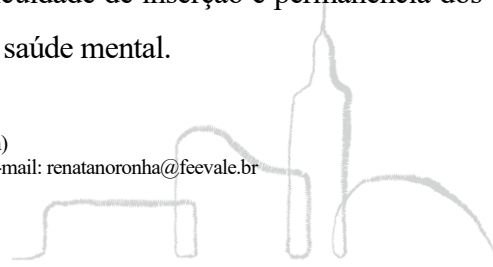
Keywords: Fashion professionals; fashion education; Vale do Rio dos Sinos.

Introdução

No Brasil, a moda é relativamente recente. Apesar de sinais industriais desde o século XIX, a criação de cursos de graduação específicos na área ocorreu apenas a partir da década de 1980. No Rio Grande do Sul, especialmente no Vale do Rio dos Sinos, a moda tem forte tradição produtiva, ligada principalmente ao setor calçadista. Hoje, é a segunda maior empregadora da indústria de transformação no país, ficando atrás apenas do setor alimentício. Além disso, no âmbito do entretenimento e das grandes marcas, a moda é conhecida pela dificuldade de inserção e permanência dos profissionais, caracterizada por prazos curtos, pressão comercial e impactos na saúde mental.

¹ Yasmin da Silva Santos Ribeiro, graduanda do curso de Moda da Universidade Feevale. E-mail: yssribeiro@gmail.com)

² Renata Fratton Noronha, Doutora em História pela PUCRS e Professora do curso de Moda da Universidade Feevale. E-mail: renatanoronha@feevale.br



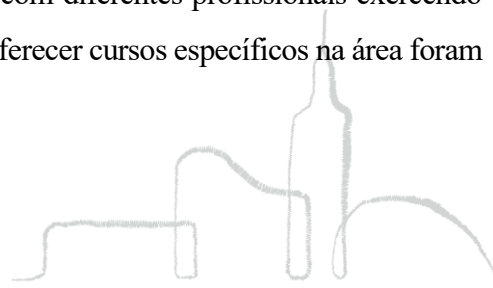


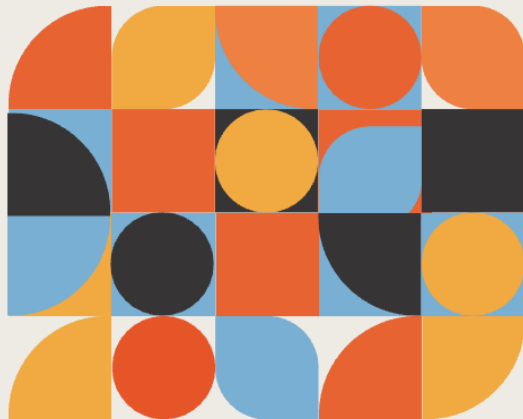
Nesse cenário, a pesquisa parte da questão-problema: quais os principais desafios enfrentados pelos profissionais da moda em suas trajetórias de carreira na região do Vale do Rio dos Sinos? O objetivo geral foi identificar esses entraves e compreender seus impactos sobre as trajetórias de carreira desses trabalhadores na localidade mencionada. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) revisar a trajetória da indústria da moda no Brasil e no Vale do Rio dos Sinos; 2) revisar a educação profissional na área, tanto em nível nacional quanto regional; 3) identificar cargos e funções no mercado atual, compatíveis com a atuação de um profissional formado na área; 4) mapear as dificuldades enfrentadas pelos profissionais ao longo de sua carreira profissional.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão do bacharel em Moda pela Universidade Feevale. Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia adotada foi exploratória (Prodanov; Freitas, 2013), com análise qualitativa, fundamentada em revisões bibliográficas e pesquisa de campo por meio de entrevistas anônimas com dez profissionais da moda. Utilizou-se a técnica “bola de neve” (Vinuto, 2014), que consiste em um formato de cadeia de indicações, enquanto a análise dos dados seguiu a metodologia de categorização de discurso proposta por Bardin (2016). A estrutura do artigo acompanha a organização dos capítulos do trabalho original. Inicialmente, apresenta-se, em linhas gerais, a evolução dos cursos de Moda. Em seguida, discute-se a trajetória do setor industrial, para, num terceiro momento, analisar as entrevistas com profissionais da área, destacando questões como saúde mental, formatos e jornadas de trabalho e satisfação salarial. Por fim, apresentam-se as conclusões da pesquisa.

A evolução dos cursos de moda no Brasil

Segundo Pires (2002, p. 3), a atividade de designer de moda pode ser considerada recente. A partir da Revolução Industrial, emergiu a demanda por uma pessoa responsável pelo papel criativo e estratégico para o desenvolvimento de produtos de moda em escala. Em linhas gerais, a formação acadêmica em moda possui raízes na França do século XVII, onde existiam escolas femininas dedicadas ao ensino dessa área. No Brasil, entretanto, não houve formação profissional até a década de 1980, sendo comum se deparar com diferentes profissionais exercendo atividades que depois passariam a ser de um designer. Os primeiros estados a oferecer cursos específicos na área foram Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (Pires, 2002).



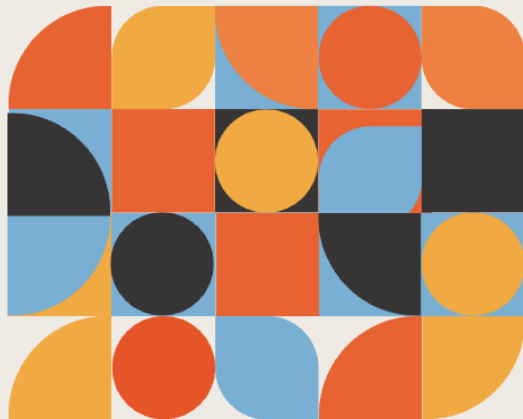


De acordo com uma pesquisa realizada na base de dados de cursos aprovados pelo MEC (Cadastro [...], c2025), o Brasil conta, atualmente, com 197 cursos superiores relacionados à moda, design de moda, têxtil e moda e áreas afins, sendo 68 na modalidade bacharelado e 129 tecnólogos. Desse total, mais de 85% são administrados por instituições privadas. A respeito do Rio Grande do Sul, o estado conta com um total de 25 cursos, dos quais 4 são bacharelados e 21 são tecnólogos. No contexto atual, apesar da expansão da oferta de cursos, como aponta Borges (2017, p. 117), a formação superior em moda ainda apresenta insatisfações e dúvidas quanto à estrutura do ensino. Questiona-se, por exemplo, se esses cursos estão, de fato, alinhados às demandas do mercado ou se oferecem uma base teórica consistente, capaz de auxiliar o egresso na construção de soluções para a área com pensamento crítico e reflexivo.

Na pesquisa de Borges e Lima (2015, p. 7-9), a área de Moda foi associada, por estudantes e egressos, a conceitos como “mutação” e “multiplicidade”, revelando uma percepção mais abstrata sobre sua natureza. Do ponto de vista dos docentes, a falta de uma identidade acadêmica definida pode dificultar, para os discentes, a compreensão dos caminhos profissionais e das possibilidades de atuação no setor.

A trajetória da área de moda no Rio Grande do Sul e na região do Vale do Rio dos Sinos

De acordo com a Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do RS (2021, p. 3), o setor têxtil-vestuário — ou seja, os primeiros vislumbres do que se tornaria a moda no Brasil — surgiu no século XIX, se consolidando como um dos primeiros segmentos industriais do país. No início do século XX, essa indústria já era responsável por 34,2% do emprego industrial e por 40,4% do capital investido na indústria da transformação. No estado do Rio Grande do Sul, a produção têxtil iniciou em 1873 (Laschuk e Rüthschilling, 2014, p. 3), impulsionada pela importação de equipamentos da Inglaterra e pela atuação de imigrantes europeus. A indústria calçadista, por sua vez, teve origem com a colonização alemã, que se estabeleceu em São Leopoldo a partir de 1824 (Costa, 2004, p. 10). Ademais, segundo a Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do RS (2021, p. 5), a década de 1990 impôs desafios significativos ao setor, em razão da abertura comercial a produtos asiáticos, o que resultou no encerramento das atividades de 26% das empresas têxteis e de vestuário. Porém, apesar desse impacto, o Brasil ainda mantém uma posição relevante no mercado global de artigos de moda, figurando, conforme os dados de 2019, como o quarto maior produtor mundial no vestuário e o quinto maior em calçados (Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do RS, 2021, p. 4; Pozzebon, 2023).



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

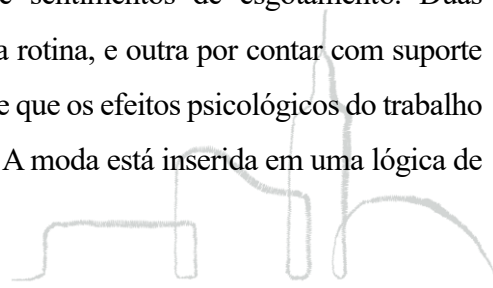
FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Análise das entrevistas com os profissionais de moda

Para a delimitação das ocupações na área da moda, foi considerado o perfil de egresso do curso de Moda da Universidade Feevale. Foram entrevistados dez profissionais de variados segmentos, como marketing, design gráfico, desenvolvimento de calçados e vestuário, consultoria de estilo e pesquisa de tendências. Do total de entrevistados, oito são mulheres cisgênero e dois são homens – um cisgênero e um transgênero. Todos se autodeclararam brancos, com idades entre 20 e 40 anos, e apresentaram distintos níveis de experiência. A região do Vale do Rio do Sinos, conforme aponta Costa (2004, p.9), concentra diversas empresas do setor calçadista. Nesse contexto, foi natural que surgisse a oportunidade de entrevistar, majoritariamente, profissionais atuantes nesse segmento. Todos os entrevistados possuem alguma ligação com a Universidade Feevale. No entanto, a seleção dos profissionais não se originou de conexões acadêmicas, mas a partir de contatos profissionais. Com base nessas redes iniciais, foi aplicada a técnica de amostragem em cadeia, também conhecida como “bola de neve” (Vinuto, 2014), o que possibilitou novas indicações e a ampliação do grupo de entrevistados. Considerando que o curso de Moda da Feevale é o único do Vale do Rio dos Sinos, é plausível considerar que os profissionais da região tenham vínculos com a instituição. Os demais cursos de bacharelado em Moda no Rio Grande do Sul estão presentes em cidades como Porto Alegre e Caxias do Sul.

Embora amplamente desejada, a indústria da moda pode apresentar práticas excludentes, prazos apertados e uma pressão por desempenho, configurando um cenário que contribui para quadros de esgotamento físico e psicológico. Estilistas de renome, como Virgil Abloh, Raf Simons e John Galliano, já relataram publicamente os efeitos nocivos dessa sobrecarga (Allwood, 2015; Yahn, 2021). Com base na psicodinâmica do trabalho (Souza, 2010, p. 88, 91), compreende-se que a precarização das relações laborais, a sobrecarga de tarefas e a insegurança profissional são fatores que podem desencadear patologias como estresse, depressão e *burnout*. As entrevistas realizadas com dez profissionais evidenciaram que oito deles vivenciaram impactos significativos em sua saúde mental. Foram mencionados o uso de medicamentos, afastamentos por laudo médico, sobrecarga, insegurança e sentimentos de esgotamento. Duas entrevistadas não relataram impacto direto: uma devido à autonomia sobre sua rotina, e outra por contar com suporte psicológico, ainda que tenha presenciado casos. A partir dos relatos, confirma-se que os efeitos psicológicos do trabalho na moda são uma realidade presente e, em muitos casos, naturalizada no setor. A moda está inserida em uma lógica de





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

constante renovação e consumo acelerado, marcada pela efemeridade dos produtos e pelo imperativo da novidade (Lipovetsky, 1989, p. 159). Essa dinâmica impõe aos profissionais do setor a necessidade de acompanhar ritmos intensos. As entrevistas revelaram diferentes formas de vivência dessa volatilidade. Alguns profissionais relataram cansaço diante do excesso de estímulos e da velocidade do mercado, sentindo-se inseridos em um ciclo contínuo de produção. Outros, especialmente por atuarem em áreas como pesquisa, percebem essa efemeridade como estímulo criativo e renovador. Por sua vez, há também profissionais que filtram as tendências, adaptando-as às propostas das marcas ou clientes que trabalham. Dois entrevistados, com mais idade e experiência, destacaram o impacto da volatilidade na permanência e no crescimento profissional na área, associando o setor de moda à juventude e à celeridade. Em diálogo a isso, as diferentes modalidades de contratos de trabalho — CLT, estágio, prestação de serviço como pessoa jurídica e empreendedorismo — revelam um cenário marcado por jornadas extensas, múltiplas atividades e fragilidade contratual. A maioria dos entrevistados afirmou cumprir entre oito e dez horas por dia, muitas vezes excedendo o expediente, especialmente aqueles que ocupam cargos mais altos.

De acordo com Souza (2010, p. 91), a alta demanda, associada à frustração com a promessa de estabilidade, impulsiona formas alternativas de inserção no mercado, como a informalidade e o trabalho autônomo — cenário visível na pesquisa com os profissionais da moda. Nesse contexto, a “pejotização”, prática recorrente no setor, mascara vínculos empregatícios e compromete o acesso a direitos fundamentais, conforme defendem os veículos de opinião Brasil de Fato (Castro, 2019) e *Le Monde Diplomatique* Brasil (Gomes, 2024). Segundo Asensi e Gonçalves (2019, p. 170), esse tipo de vínculo enfraquece os princípios do Direito do Trabalho. Ao mesmo tempo, o desempenho de funções paralelas, como trabalhos freelancers ou o desenvolvimento de marcas próprias é impulsionado por questões financeiras.

A pesquisa evidencia que a informalidade não atinge apenas setores manuais e operacionais — como apontam os veículos jornalísticos Jota (Gualter, 2025) e CartaCapital (Vasconcelos, 2025) —, mas também afeta profissionais formados e atuantes nas áreas criativas e estratégicas da moda. Esse fenômeno, inclusive, já foi identificado por Corrêa e Bronzatto (2020, p. 194) em relação às áreas de publicidade. As entrevistas também evidenciam lacunas entre a formação acadêmica em Moda e as exigências práticas do mercado de trabalho. Embora a graduação proporcione uma visão ampla das áreas de atuação e contribua para o *networking*, os entrevistados apontam deficiências em conteúdos técnicos — como processos industriais —, além da ausência de disciplinas voltadas para as realidades específicas do setor calçadista, predominante no Vale do Rio dos Sinos. Segundo Borges (2017, p. 121), ainda há insatisfações quanto



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

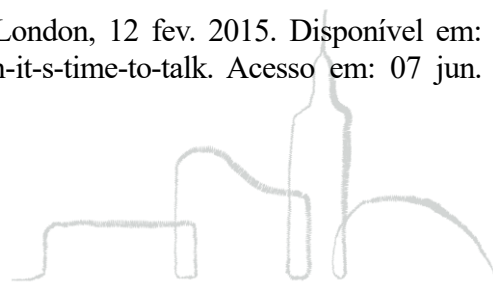
à estrutura dos cursos de Moda e dúvidas sobre sua capacidade de atender às demandas do mercado. Essa crítica é refletida nos relatos dos participantes deste estudo, que descrevem sobre a experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho e a necessidade de buscar formações complementares, como cursos de especialização e extensão. Em relação à satisfação com a situação financeira, quase todos os entrevistados afirmaram manter um estilo de vida agradável, embora tenham manifestado expectativas de obter remunerações mais elevadas no futuro. Apenas uma profissional declarou que não se sente satisfeita, expressando insegurança em relação ao próprio futuro. Vale destacar que metade dos entrevistados relataram receber uma remuneração mensal na faixa entre R\$ 6.000 e R\$ 10.000, considerando emprego fixo e atividades extras, para os que exercem.

Considerações finais

A pesquisa evidenciou que os profissionais da moda no Vale do Rio dos Sinos enfrentam desafios significativos em suas trajetórias, marcadas por jornadas extensas, vínculos precários, múltiplas atividades e impactos na saúde mental. A volatilidade inerente ao setor, aliada à pressão por desempenho, contribui para sentimentos de instabilidade, esgotamento e insegurança profissional. Verificou-se também uma lacuna entre a formação acadêmica e as exigências do mercado, especialmente no setor calçadista, predominante na região. Os cursos de Moda ainda carecem de aprofundamento técnico, visão estratégica e maior conexão com as realidades regionais, o que gera frustração e sensação de despreparo entre os egressos. Apesar das dificuldades, os profissionais demonstram resiliência e adaptabilidade, buscando qualificação contínua, redes de apoio e formas de equilibrar expectativas com a prática cotidiana. O estudo oferece subsídios para repensar o ensino de Moda, as condições de trabalho e a valorização profissional no setor, especialmente em contextos regionais.

Referências

ALLWOOD, E. H. Mental health in fashion: it's time to talk. In: Dazed. London, 12 fev. 2015. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/fashion/article/23582/1/mental-health-in-fashion-it-s-time-to-talk>. Acesso em: 07 jun. 2025.





ASENSI, F. D.; GONÇALVES, I. P. Judicialização das práticas trabalhistas. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, PR, Brasil, v. 64, n. 1, p. 165-186, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/64979>. Acesso em: 19 de mai. de 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BORGES, M. de S. Problematizando a formação superior em Moda. **D'obras**, Florianópolis, v. 10, n. 21, mai. 2017. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/557>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BORGES, M. de S.; LIMA, R. Representações sociais e design de moda: reflexões sobre o ensino superior de moda. In: COLÓQUIO DE MODA, 11, 2015. **Anais eletrônicos** [...]. Curitiba, Universidade Positivo, 2015. Disponível em: <https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/ARTIGOS-DE-GT/GT01-EDUCACAO-TEORIA-E-PRATICA-EM-MODA/GT-1-REPRESENTACOES-SOCIAIS-E-DESIGN-DE-MODA.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2025.

CADASTRO Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior. In: MINISTÉRIO da educação. Brasília, DF, c2025. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CASTRO, C. A. de. Reforma trabalhista se revela como verdadeiro ataque aos direitos sociais. In: BRASIL de fato. [S. l.], 04 abr. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/04/reforma-trabalhista-se-revela-como-verdadeiro-ataque-aos-direitos-sociais>. Acesso em: 07 jun. 2025.

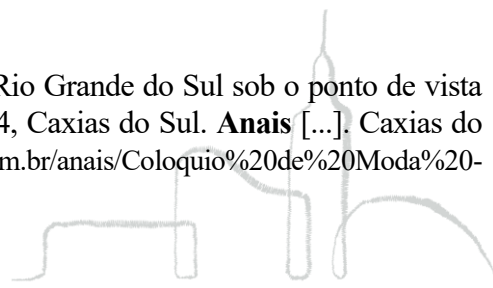
CORRÊA, V. B.; BRONZATTO, M. Trabalho criativo em agências de Publicidade e Propaganda. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 19, n. 37, p. 185-207, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/download/10188/4706/38131>. Acesso em: 07 jun. 2025.

COSTA, A. B. da. A trajetória competitiva da indústria de calçados do Vale do Sinos. In: COSTA, A. B. da; PASSOS, M. C. **A indústria calçadista no Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 9-10.

GOMES, E. C. A falácia da 'reforma trabalhista'. In: Le Monde Diplomatique Brasil. [S. l.], 02 set. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-falacia-da-reforma-trabalhista-uma-analise-critica-da-precarizacao-do-trabalho-no-brasil/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

GUALTER, M. TST nega vínculo de emprego [...]. In: JOTA. [S. l.], 12 mar. 2025. Disponível em: <https://www.jota.info/tributos-e-empresas/trabalho/tst-nega-vinculo-de-emprego-de-motoristas-e-entregadores-com-uber-e-ifood>. Acesso em: 07 jun. 2025.

LASCHUK, T.; RÜTHSCHILLING, E. A. A evolução da indústria têxtil do Rio Grande do Sul sob o ponto de vista técnico, tecnológico e mercadológico. In: COLÓQUIO DE MODA, 10., 2014, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul: UCS, 2014. Disponível em: <https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20->





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

%202014/ARTIGOS-DE-GT/GT04-DESIGN-E-PROCESSOS-DE-PRODUCAO-EM-MODA/GT-4-A-EVOLUCAO-DA-INDUSTRIA-TEXTIL-DO-RIO-GRANDE-DO-SUL.pdf. Acesso em: 07 jun. 2025.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PIRES, D. B. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Nexos: estudos em comunicação e educação**, São Paulo, ano VI, n. 9, p. 1-13, 2002. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/db_historia_escola_design_moda_1_.pdf. Acesso em: 07 jun. 2025.

POZZEBON, M. Nove em cada dez pares de calçados produzidos no mundo têm como origem a Ásia. In: EXCLUSIVO. Novo Hamburgo, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://exclusivo.com.br/negocios/nove-em-cada-dez-pares-de-calcados-produzidos-no-mundo-tem-como-origem-a-asia>. Acesso em: 07 jun. 2025

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C, de. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 07 jun. 2025.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO. A cadeia produtiva da moda no Rio Grande do Sul: trajetória e tendências. Nota técnica n. 35, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202106/02174212-nota-tecnica-dee-35-a-cadeia-produtiva-da-moda-no-rio-grande-do-sul-trajetoria-e-tendencias-3.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2025.

SOUZA, L. K. de. **As vivências dos designers de moda em relação ao seu trabalho**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/1776>. Acesso em: 07 jun. 2025.

VASCOMCELOS, V. Moda verdadeiramente responsável deve proteger as costureiras informais. In: CARTA capital São Paulo, 28 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/moda-verdadeiramente-responsavel-deve-protoger-as-costureiras-informais/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–217, 30 dez. 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 07 jun. 2025.

YAHN, C. Cami Talks: Vamos falar sobre saúde mental na moda? In: FFW. São Paulo, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/comportamento/cami-talks-vamos-falar-sobre-saude-mental-na-moda/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

